

UNIVERSIDADE DE UBERABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

MEMORIAL FORMATIVO DE JÚNIA TUELHER FRAGA

extraído em agosto de 2024 do relatório de pesquisa intitulado DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo à luz da educação problematizadora

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

F842d	<p>Fraga, Júnia Tuelher. Dificuldades de aprendizagem de crianças do 6º ano do ensino fundamental: um estudo à luz da educação problematizadora / Júnia Tuelher Fraga. – Uberaba, 2024. 210 f. : il., color.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Linha de pesquisa: Práticas Docentes na Educação Básica. Orientador: Prof. Dr. Tiago Zanquêta de Souza.</p> <p>1. Dificuldades de aprendizagem. 2. Ensino fundamental. 3. Educação – Finalidades e objetivos. I. Souza, Tiago Zanquêta. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.1523</p>
-------	--

MEMORIAL

O ato de viver, a experiência humana ao qual estamos inseridos, com seus ciclos, percalços, e renovações tem como sua maior característica o fator surpreendente que cada capítulo de nossa história nos traz. Alguns destes capítulos são frutos de nossas escolhas, outros das situações casuais que eventualmente nos acontecem e outros, fruto da forma como enxergamos o meio que nos cerca e, conseqüentemente, agimos sobre ele.

Rememorando minha trajetória, percebo que o ser pesquisador sempre foi algo latente, uma vez que me classifico como questionadora e entendendo que analisar fatos de forma crítica e reflexiva são características imprescindíveis para um bom pesquisador, me vejo então, pesquisadora desde a minha infância, marcada pela estima pelos estudos e pelo processo fascinante que consiste no ato de aprender.

Estudar sempre foi prazeroso para mim, em que fascinada pelas histórias de Maurício de Souza, os gibis da Turma da Mônica eram os presentes mais almejados de uma menina que, mesmo sem estar alfabetizada, lia as histórias através da fascinante linguagem não verbal, marcada pela expressividade e a ludicidade de imaginar o que as histórias contavam. Através desta curiosidade, meu processo de alfabetização iniciou-se na construção das letras e balões de fala que foram se estruturando e fazendo sentido após cada gibi lido. Ainda na Educação Infantil, aos 5 anos, eu já estava completamente alfabetizada. A partir de então, o mundo ganhava ainda mais sentido, podendo ser lido através dos olhos de uma criança que já entendia o poder que a leitura lhe proporcionava, leitura que ia além de letras, fonemas e palavras, leitura de mundo, do meu mundo.

Neste contexto, faz-se importante ressaltar que, assim como enfatiza Paulo Freire

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. (FREIRE, 2011, p.121)

Quando discorro sobre as peculiaridades que a existência humana nos traz, dentre tantos ciclos já vividos por mim, me vejo extasiada com a oportunidade vivenciada neste período em que me encontrei. De certo, sempre houve uma distância entre o gosto pelos estudos, ressaltado desde a primeira infância, até a concretização de uma especialização *stricto sensu*, em que o ser pesquisador se concretiza através da experiência vivida profissionalmente. Tal distância é evidenciada pelas escolhas feitas ao longo de nossa experiência humana, em que algumas nos separam ou, no mínimo, nos distanciam de sonhos que almejamos alcançar.

Ao ler a obra *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire, vi minha infância docemente descrita nas memórias do autor quando o mesmo rememora sua infância na cidade de Recife.

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. (FREIRE, 2011, p. 9)

O trecho citado, entre outros, escritos através do paradoxo de leveza e força em que consiste a obra, me faz rememorar com saudade minha infância. Nasci em um vilarejo muito pequeno, no interior do estado de Minas Gerais, onde pés descalços, brincadeiras de rua e liberdade eram o sinônimo da minha e da infância dos meus tantos amigos, o que nos possibilitou uma memória coletiva imensa, cheia de aventuras, gargalhadas e sim, felicidade. Diante de tantas incertezas que a vida nos traz, afirmar sobre a felicidade do meu tempo de criança é sim, uma afirmação que posso fazer com muita propriedade. Vivi nessa perspectiva durante toda a minha infância, falo não somente da liberdade de viver, de brincar e de estar no meu contexto, falo também, da liberdade de ser. Dentro de minhas vivências familiares eu podia ser quem eu era. Consigo hoje, em minha maturidade ainda incompleta, entender a profundidade desta reflexão, através do reconhecimento e entendimento que fui uma criança muito amada, e esse amor fez com que eu tivesse a liberdade de crescer sendo eu mesma. A esse amor, dedico também minha facilidade nos estudos, pois, sempre tive um grande incentivo dos meus pais, que mesmo tendo pouca escolaridade, característica da época em que viveram, sempre me incentivaram e em muitos aspectos, me fizeram crescer, através da liberdade evidenciada pelo amor e através da condução de caráter evidenciada através da educação que me proporcionaram. Não há como falar de amor sem citar minha avó materna, que auxiliou em minha criação e através do seu amor incondicional, sempre me incentivou diante de minhas escolhas. Sendo assim, ao falar do amor familiar, o vejo como ferramenta básica que subsidiou toda a minha existência, as minhas escolhas, levando e elevando o meu ser naquilo que me forma e me transforma.

A escola foi um capítulo igualmente feliz e prazeroso. Tive excelentes professoras no início da Educação Fundamental, em que conseguiram “aproveitar” as minhas habilidades, sem podá-las. O fato de eu entrar na antiga primeira série já completamente alfabetizada poderia ter sido um problema, pois, de certa forma eu não acompanharia a turma e a cartilha Camila Sonha, com seu método silábico, não fazia sentido para mim. Foi nesse momento, que minha professora sabiamente me deu um grande incentivo e quiçá, o despertar para minha profissão e até mesmo,

para a escolha do tema para a pesquisa que me propus a investigar a fim de produzir o presente relatório de pesquisa.

Compreender a importância da sabedoria da minha professora de primeira série me traz hoje a sensibilidade de buscar elementos e, quem sabe, criar subsídios para amenizar um problema enxergado exatamente durante esse período de experiência.

Para entender esse aspecto volto as minhas reminiscências, em que ao entrar na primeira série alfabetizada me tornei monitora dos demais colegas. Usando sua sabedoria que o magistério instituiu, tia Elisabete, minha professora, utilizou minhas habilidades para auxiliar os colegas que apresentavam mais dificuldade. Todos os dias, um colega era colocado ao meu lado e através de nossa troca, saberes eram construídos: eu aprendia e ajudava o outro, que em uma perspectiva dialógica, também me ensinava e me despertava, mesmo que de forma subjetiva, para que o que possivelmente hoje, foi construído através desta pesquisa para o presente curso.

Ao me propor a pesquisar sobre as origens das dificuldades de aprendizagem e as possíveis relações de tais dificuldades, rememoro meus colegas em que exerci a monitoria e recordo que, mesmo com a inocência característica da infância, já me intrigava os motivos de tantas dificuldades. Porque alguns colegas, da mesma faixa etária, com as mesmas oportunidades de aprendizagem dentro do contexto escolar, apresentavam tantas dificuldades e, conseqüentemente, não apresentavam o mesmo rendimento? Obviamente, essa angústia, que já existia, somente ficou clara após minha experiência como docente, mas, ao pensar sobre minhas lembranças, percebo que tal questão sempre esteve presente, ainda com a leveza do pensar de uma criança.

O tempo, que rege toda nossa vida, passou, eu cresci, sempre boa filha e boa aluna, tendo excelentes rendimentos, fruto do meu recorrente interesse e aplicação nos estudos. A preocupação com o outro foi dando lugar aos interesses advindos da adolescência, em que aliado ao interesse escolar, vivi uma adolescência normal, com namorinhos, alguns eventos com a turma e os altos e baixos provenientes dos hormônios necessários para o adolecer de cada um.

Namorei e casei. Aos 17 anos, finalizando o Ensino Médio, ainda uma adolescente, me tornei uma senhora casada por livre escolha. Meu marido foi sempre meu grande incentivador. Me incentivou a fazer uma graduação, me incentivou a trabalhar, a ter uma profissão e a liberdade de ser que sempre tive durante minha infância e adolescência, também esteve presente em meu casamento, uma vez que meu marido entendeu a minha necessidade de crescer, e impulsionado por este entendimento, me deu asas, sendo meu porto seguro durante a caminhada

pelas graduações e especializações que galguei na busca de amadurecimento, formação profissional, independência financeira e acima de tudo, crescimento e fortalecimento pessoal.

Ao iniciar minha primeira graduação, sendo um tempo extremamente difícil oriundo da falta de recursos, tive, logo no primeiro ano, a oportunidade de trabalhar como monitora em uma creche municipal. Essa experiência reavivou em mim o saboroso gosto pelo processo de ensinar e aprender advindo do cuidado e zelo que a monitoria exigia, como também, dos prazeres inerentes ao processo de crescimento de cada criança.

Neste trabalho fiquei por pouco mais de um ano, pois, como eu cursava a faculdade de Letras, meu objetivo maior era ser professora de Língua Portuguesa, e, no ano seguinte, consegui meu primeiro contrato na rede estadual de educação. Confesso que o primeiro momento foi assustador. O ideal de ministrar as peculiaridades da nossa língua se esvaiu com tantas dificuldades que a inexperiência docente traz para qualquer iniciante. Ali, no chão de uma escola pública, as diferenças sociais e de aprendizagem gritavam forte, dentro das paredes da instituição de ensino. A angústia sentida na primeira infância sobre os motivos do abismo existente sobre o processo de aprendizagem de cada estudante eram motivo de reflexão e eram cada vez mais percebidos em cada sala de aula que eu entrava no decorrer de minha experiência docente.

Me formei em Letras e posteriormente em Pedagogia, tenho hoje 17 anos de experiência docente. Experiência essa que é variada dentro do contexto educacional. Percebo diversidade no público-alvo, nas escolas em que passei, nos anos de escolaridade que tive a oportunidade de trabalhar, nas gestões, nas funções que ocupei, enfim, minha experiência profissional foi e ainda é diversa. O único fator que não difere em nenhum contexto educacional é a lacuna existente sobre as dificuldades de aprendizagem que é fortemente evidenciada em alguns estudantes em seu processo de escolarização e construção do conhecimento. E, é essa lacuna, observada de forma inocente enquanto criança e de forma angustiante em minha experiência profissional, que me coloca como professora pesquisadora no momento atual.

Gosto muito de evidenciar sobre os ciclos surpreendentes que a vida humana nos proporciona. Iniciar minha experiência docente na mesma escola onde estudei na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental me proporcionaram, quase 30 anos depois, subsídios para construir uma questão de pesquisa de extrema relevância e tendo a experiência vivida na época, como um gatilho, um despertar para uma necessidade existente desde os primórdios da educação quando a mesma se tornou um direito de todos.

Hoje, além de professora regente no Ensino Fundamental I, na rede municipal de ensino, atuo também como Especialista em Educação Básica, na rede estadual. Sou efetiva em ambos

os cargos e a diversidade encontrada nos caminhos que percorri muito me enriqueceu como profissional e me intrigou ainda mais em relação aos aspectos pertinentes a educação.

O anseio pelo mestrado sempre esteve presente. Em algumas fases, final das graduações e especializações, ele vinha forte, estava ali, como uma chama prestes a trabalhar. Em outras, gestações e nascimento dos filhos, ele adormecia. Por vezes pensei até que ele estivesse morto. Mas não, de forma nenhuma, o sonho do mestrado sempre esteve incutido e ansiado, esperando a oportunidade certa e tornando-se realidade na primeira grande chance que se concretizou através de algo que não poderia ser menor ou menos eficaz do que a necessidade de formação de um educador.

Ao ser lançado o Projeto Trilhas do Futuro para educadores enxerguei a oportunidade tão ansiada. Acreditando e desacreditando, fiz minha proposta de pesquisa bem tímida, mas que partia de uma necessidade urgente, pois há a necessidade de pesquisar sobre um dos maiores gargalos da educação, presentes nas dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos discentes e assim produzir subsídios para minimizar e por que não, em uma visão otimista, lançar estratégias para que cada vez mais os objetivos da educação se efetivem na vida dos sujeitos.

Hoje, professora pesquisadora, sinto-me extremamente viva. A vivacidade de um ciclo que se eternizará através dos frutos colhidos com a realização da pesquisa a que me proponho. Uma pesquisa que tem um viés social, político e, sobretudo, humano. Identificar as relações que repercutem no baixo aproveitamento dos estudantes de escolas públicas e traçar estratégias para que a questão problema seja amenizada, é desafiador diante do contexto político que vivemos, o que faz da questão ainda mais urgente e essencial. Segundo Souza e Novais (2021, p.531) “A acentuação das desigualdades socioeconômicas e culturais se faz cada vez mais evidente e se apresenta como resultado da completa deserção do Estado de suas obrigações constitucionais.” Desta forma, pesquisar e transformar esse objeto de pesquisa em algo que seja concreto, atuando positivamente em nossa realidade educacional, é proporcionar aos estudantes a liberdade de ser que tanto prezo na formação humana. É semear uma semente de esperança e sobretudo, de resistência a um sistema dominante e opressor, que se esconde por detrás de uma legislação que faz alusão a uma falsa educação igualitária e que garante a equidade na formação dos sujeitos. Desta forma

Assumindo a postura de professores/as pesquisadores/as, vinculados ao campo da educação popular, é forçoso pensar a educação como compromisso ético político, de modo a refutar o caráter de neutralidade que tentam atribuir à escola e a educação, uma vez que concebemos a educação como uma forma de intervenção no mundo e, por isto mesmo, não pode ser neutra. (SOUZA; NOVAIS, 2021, p.531).

Lutar pela liberdade de ser, de se transformar e de se reinventar como seres pensantes, e inculcar essa necessidade em nossos discentes, é conscientizá-los de que estão em constante processo de crescimento e renovação.

Contribuir para que seja tocante ao nosso público e que possa ser transformador na vida dos mesmos, poderá ser, talvez, a conclusão ou a eternização de um ciclo, que nunca foi interrompido ou seccionado, iniciado em minha infância, interligado pelas minhas escolhas, podendo ser repassado entre educadores, que assim como eu, veem na educação um elemento potente de transformação.